

**MEMÓRIA E GRATIDÃO:
REFORMAS NO ENTENDIMENTO DE QUEM SE RECUSA A
PERDER A ESPERANÇA (LM 3)**

*Lília Dias Marianno**

Resumo

O presente artigo traz o tema da gratidão em perspectiva de mulheres. Analisa o livro de Lamentações em sua estrutura literária e redacional, discute a hipótese de autoria feminina dos poemas. Fazendo o recorte sobre o capítulo 3, explora a centralidade da gratidão em meio a sítios militares e devastações. Dá voz às mulheres que pranteiam, como a viúva e a carpideira. Apresenta a lógica da gratidão como produção de encantamento e desconstrução da ira divina. Propõe uma reforma no entendimento para sobrevivência em tempos de crise, para se escolher aquilo que se deve lembrar e aquilo que se deve esquecer.

Palavras-chave: *Mulheres. Lamento. Gratidão. Memória.*

Abstract

This essay brings the topic of gratitude in a women perspective. Explores the book of Lamentation in its structure, discussing the gender hypothesis about the women be authors of the poems. Going further on chapter 3 we look for the gratitude in the midst of military sieges and devastations. We want to detach the voice of women who cry, like the widows and those who cry for their dead. Introduces the logic of gratitude as a way to lure God's attention and deconstruct the divine anger. At the end, purposes a change on the understanding for survival on breakdown, choosing those things we must to remember and those we must to forget.

Keywords: *Women. Lamentations. Gratitude. Memory.*

* Mestre em Teologia Bíblica pela Faculdade Batista do Rio de Janeiro, mestre em Ciências da Religião pela Universidade Metodista de São Paulo, doutoranda no Programa de Pós-Graduação em História das Ciências e das Técnicas e Epistemologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ.

Introdução

O contexto que dá origem a este artigo é o contexto da perplexidade e das disputas de legitimidade entre diferentes propostas de esperança durante o período de eleições presidenciais no Brasil em 2018. Por um lado, houve uma massa representando uma multidão de omissos (aproximadamente 1/3 do público votante) que não se viu representada por nenhuma das propostas de governo e escolheu anular o voto, votar em branco ou não comparecer às eleições, como quem quis deixar claro que não estava disposta a carregar a responsabilidade pelo destino decidido nas urnas. Num segundo lado estiveram os que representavam o recrudescimento das posturas de intolerância, reforçando a intransigência como forma de manutenção da ordem, todavia com “telhado de vidro” no que diz respeito à imparcialidade de envolvimento com situações de corrupção. O terceiro lado é o que amalgamou tanto os eleitores que defendiam a manutenção do governo petista e denunciavam a irregularidade dos mecanismos usados para impedir a candidatura do ex-presidente Lula quanto os demais eleitores que, constatando a ameaça à democracia e à manutenção do estado de direito, fizeram resistência mesmo que isso significasse votar em quem não seria uma opção de voto numa conjuntura diferente.

As eleições aconteceram e um presidente foi eleito com uma representação de apenas a terça parte da população votante. Para quem optou por resistir, foi um resultado avassalador. Mas para os que defendiam o recrudescimento da intolerância, foi uma vitória que já descontenta muitos destes eleitores. O fato é que para uma parcela significativa da população o resultado foi desesperador e o sentimento de desesperança faz com que muitos pensem em organizar a vida para sair do país.

O que fazer diante de contextos de desesperança e misericórdia e compaixão parecem realidades cada vez mais distantes e inalcançáveis. A ideia de falar sobre gratidão em meio à crise surgiu do meio desta onda de pessimismo que atingiu muita gente. A gratidão é um tema atemporal que se aplica a qualquer momento da história no qual enfrentamos enormes dilemas, semelhantes àqueles vividos pelo Antigo Israel e pelos povos da Antiguidade.

1. O livro de Lamentações: autoria, datação, estrutura textual

O livro de Lamentações está localizado entre os cinco Meguilot. Seu título em hebraico é *'Eykah* e foi traduzido no Talmud Babilônico como *Tonyq* e depois para a LXX como *Trenoi* (cantos fúnebres, elegias, lamentações) de onde vem o nome em português: Lamentações. Alguns estudos apontam que uma tradição hebraica mais antiga teria intitulado o livro primeiramente como *qinot*, prantos, lamentações, cantos de luto por um morto (RIVA, 2010, p. 82), e é da tradição talmúdica que vem a hipótese de Jeremias como autor do livro (SELLIN-FOHRER, 1977, p. 434).

'Eykah é uma interjeição associada a lamentos fúnebres e pode ser traduzida para o português como: “como?” Uma espécie de: “como assim?” das gírias atuais, mas carregado de sentimento de desolação e desesperança. Como quem diz: “como foi que isso nos aconteceu?” Expressão de profunda angústia e perplexidade que parece não achar resposta que cale a inquietude dolorosa subjacente aos eventos. A pergunta ante a desolação é “Como?!” “Como é possível!?”

Lamentações é uma coletânea de poemas artisticamente trabalhados em formato acróstico. Este *recurso estilístico* é denominado de acrosticismo alfabético ou forma alefática (CALOVI, p. 141; RIVA, p. 83) e foi usado na redação de todo o livro. Cada capítulo possui a mesma quantidade de versos que a quantidade de letras do alfabeto hebraico. Cada verso possui três linhas e começa com a letra do alfabeto na sua ordenação.

Para o leitor que não fez contato com o texto hebraico cabe estabelecer uma analogia com nosso alfabeto. Imagine 5 poemas escritos, cujas primeiras palavras de cada verso comecem v. 1 com a, v. 2 com b, v. 3 com c, e assim até chegar ao v. 23 no z. É o que ocorre com Lm. Nos capítulos 1, 2, 4 e 5, cada verso possui três linhas e cada primeira linha do verso começa com a letra correspondente à sua ordenação alfabética. Como o alfabeto hebraico tem 22 letras, então cada capítulo possui 22 versos, ordenados alfabeticamente a partir da primeira letra de cada verso.

Em Lm 3, o capítulo central do livro, ocorreu uma intensificação deste trabalho estético de ordenação alfabética e o modelo foi multiplicado por três. Ao invés de 22 versos, encontramos 66 versos. Cada verso possui três linhas de texto, mas cada linha do verso começa com a respectiva letra diferente dos anteriores que a letra estabelecia o começo apenas da primeira linha. Em português seria um poema de 66 versos, cada verso parecendo um *haikai* (poemas curtos escritos pelos japoneses), com 3 linhas de texto, e cada linha começando com a mesma letra do alfabeto: 1. a, a, a; 2. b, b, b; 3. c, c, c, e assim por diante até chegar à última letra do alfabeto hebraico: tav.

Até a atualidade, a tradição judaica estabelece que a *leitura do livro* deve ser feita no ritmo métrico denominado *qinah*. Neste ritmo, cada linha possui cinco tempos e o desenvolvimento da leitura produz um efeito de crescimento e decrescimento da entonação “como se a dor se elevasse em sua intensidade e logo se desvanecesse mais rapidamente. (...) a lamentação alcança seu ápice no capítulo 3 e desce rapidamente ao seu grau inicial no final do capítulo 5 (RIVA, p. 83).

Esta leitura ritualística e apoteótica acontece no calendário judaico na noite do Tishá Beav (memória da destruição do templo) e no Yom Kipur (dia do perdão). A leitura é obrigatoriamente feita pelas mulheres e são elas que impedem a comunidade esquecer as tragédias que aconteceram com todos e com elas especificamente, durante a devastação de Jerusalém. O Tishá Beav é um dia considerado como infeliz, que rachou o calendário judaico (dia 9 do mês de av) sendo

marcado pelo exílio e pela saudade. Sua memória é acompanhada de jejum e leitura de elegias, com os participantes da cerimônia assentados sobre o chão e na penumbra. As mulheres se revezam durante a leitura, mas o capítulo 3 é lido por todas de maneira uníssona (RIVA, p. 84-85).

Em termos de forma ou estética do livro temos a seguinte estrutura:

- Lm 1** – 22 versos triplos – leitura dividida entre participantes mulheres
- Lm 2** – 22 versos triplos – leitura dividida entre participantes mulheres
- **Lm 3** – 66 agrupamentos de três versos lidos por todas as mulheres em uníssono
- Lm 4** – 22 versos duplos – leitura dividida entre participantes mulheres
- Lm 5** – 22 versos simples – leitura dividida entre participantes mulheres

A troca da ordem entre *pey* e *áyin*, no meio da ordenação alfabética, aponta para “a diversidade de autores envolvidos na composição do livro, ainda que alguns exegetas advoguem uma composição unívoca de Lamentações” (CALOVI, p. 141).

A discussão sobre a *datação* do livro é exposta com detalhamento por Calovi e, havendo autores que defendem diferentes teorias, seguiremos a vertente que defende a composição do livro como iniciada entre 597 e 587 AEC e teria se estendido por pelo menos várias décadas, pois o teor dos versos parecem expressar diferentes compreensões teológicas posteriores a respeito da catástrofe. Assim os poemas teriam datações diferentes e provavelmente o capítulo 3, dado o refinamento estético da arrumação alfabética das elegias especificamente nesta parte do livro, teria sido o último capítulo a ser composto. Este fato também aponta para uma participação de escritores do movimento sapiencial que atuavam num período de transição entre o hebraico pré-exílico e o hebraico pós-exílico, o que coloca Lm com redação anterior aos livros proféticos pós-exílicos no território de Judá (CALOVI, p. 144).

Sobre a *autoria* do livro ou dos poemas, as traduções em português que estabeleceram o título do livro como Lamentações a partir do preâmbulo que consta na Septuaginta (mas não no texto massorético) que diz: “E Jeremias chorou sobre Jerusalém dizendo” provocaram um hábito homilético de apelidar o livro como “Lamentações de Jeremias”. Isto tem gerado grande problemática na hermenêutica quando é preciso evidenciar a participação de mãos femininas no processo de redação e composição do livro. Como já foi dito, esta orientação de autoria de Jeremias provém da tradição talmúdica babilônica, mas não foi acatada por todas as tradições judaicas.

A lamentação 3 é, antes de tudo, um cântico de lamentação individual que, nos v. 40-47, passa para o estilo do cântico de lamentação coletivo, voltando depois à forma inicial (...) O “eu” do cântico, ao lado do qual surge um

“nós” que também fala, foi relacionado, ora como Jerusalém personificada, que estaria falando como alguém que sofre, ora como um representante da comunidade, em cujo nome estaria falando, ora com um determinado indivíduo que estaria falando somente de seu próprio destino e não do da comunidade (SELLIN-FOHRER, 1977, p. 435).

A autoria feminina de Lamentações vem sendo discutida ao longo dos anos a partir dos próprios ambientes judaicos, que fazem questão de manter as mulheres como as leitoras oficiais deste livro durante as celebrações. A imagem da mulher grávida, depois cheia de filhos, no centro da vida israelita, que depois ficou viúva, estéril, definhou, foi despojada do marido e da prole e ficou sozinha, são figuras de linguagem femininas, além do que as mulheres são potencialmente as vítimas mais atingidas em processos de invasão e dominação de cidades por exércitos estrangeiros. “A interpretação feminista reconhece que, em uma cultura patriarcal que legitima a discriminação sexual com a retórica da complementaridade, a mulher é uma metáfora apropriada de Judá, Jerusalém e Sião” (LAFFEY, 1994, p. 267).

As mulheres atuaram como líderes e dirigentes oficiais no luto. As primeiras duas elegias e as duas últimas poderiam incluir mulheres na autoria, especialmente por sua forma original, ou melhor, sua forma oral. Não devemos perder de vista que eram fundamentalmente os homens que sabiam escrever e, portanto, eram os que ocupavam os postos de escribas. Por isso é muito provável que as autoras, como estratégia literária, utilizassem a personificação do homem para de algum modo legitimar sua obra. (... se sustentamos que o texto foi escrito por uma mulher, o que busca, então, o texto com esta descrição tão forte e pouco apropriada se é mulher? Não será que a autora quer transpor para a cidade/mulher (que inclui os homens) a vulnerabilidade em que viveram as mulheres na tomada de Jerusalém e sua posterior destruição? (RIVA, p. 87 e 90).

Sendo assim, assumimos neste ensaio que Lm é um livro cuja redação é iniciada nos anos de cerco e destruição de Jerusalém, e cuja finalização pode ter se dado nos séculos seguintes, inclusive com retoques no período grego, justificando a associação do livro com o profeta Jeremias, que possivelmente terminou seus dias exilado em Elefantina, no Egito.

2. Narrador/a em primeira pessoa e delimitações teológicas nas estrofes

A perícopé que escolhemos para estudar neste ensaio é a terceira elegia do livro, a que ocupa centralidade na montagem da coletânea e também intensidade redobrada no ritmo poético, na métrica dos versos, na estética textual e na ordenação alfabética. Justamente esta perícopé é a que começa com uma personagem masculina falando em primeira pessoa e isso praticamente orienta a interpretação

de todo o capítulo, reputando-o como o menos feminino dos poemas do livro e fortalecendo a defesa dos que acreditam que Jeremias foi autor dos poemas. Ocorre que usar esta referência masculina para atribuir a autoria masculina ao capítulo é uma opção problemática pelos motivos anteriormente expostos.

Em 3,1 as diversas traduções nos trazem:

- Eu sou um homem provado na aflição pela vara da sua ira (Bíblia Vozes).
- Eu sou o homem que conheceu a miséria sob a vara de seu furor (Bíblia de Jerusalém).
- Eu sou o homem que vê a humilhação sob a vara de seu furor (TEB).
- Eu sou o homem que viu a aflição pela vara do furor de Deus (Almeida – ARA).
- Eu sou aquele homem que viu a aflição pela vara do seu furor (Almeida Corrigida Fiel).
- Eu sou o homem que viu a aflição trazida pela vara da sua ira (NVI).

Todas estas versões escolheram traduzir *gever* (*gibbor*) como homem ordinário, quando na verdade o termo *'ish* seria traduzido preliminarmente como homem, mas *'ish* não aparece em 3,1 é *gever* quem aparece. *Gever* não é um homem qualquer. *Gever* deve ser traduzido como: forte, viril; guerreiro, valente, herói; violento, déspota; influente (KIRST et al., 2015, p. 36). Uma sugestão para uma melhor tradução poderia ser: “eu sou aquele varão, ou aquele guerreiro que viu...” Então se pode supor que as palavras de Lm 3 vieram da boca de alguém que pode ter lutado para tentar preservar a cidade durante a devastação feita pelos babilônicos.

Gottwald defende que tal autoria poderia ter sido de um “profeta, sacerdote, ou figura leiga de governo ou privada (...) este escritor desenvolveu um amálgama de noções proféticas deuteronômicas e sapienciais que subordinava radicalmente e neutralizava as promessas de Sião, davídicas e régias...” (GOTTWALD, 1988, p. 506; JENNI-WESTERMANN, 1997, p. 450).

Perseguindo análises mais extensas, a expressão *gever* aparece 13 vezes no Primeiro Testamento em textos que denotam um homem valente, forte e viril, envolvido em combates. Poderia ter sido traduzido como varão, por tal termo vir filologicamente acompanhado da noção de varonilidade e virilidade ao invés de homem que mais se aproxima de humanidade na língua portuguesa. De toda forma, fica a suspeita que este “homem”, que fala em primeira pessoa no capítulo 3, é um homem envolvido nos eventos de destruição ou de tentativa de salvamento dos que ficaram e, se quisermos ousar um pouco mais, poderíamos suspeitar, inclusive, que este homem bem pode ter sido um dos soldados judaítas que lutara para poupar a cidade da destruição. E, embora pouco provável, poderíamos supor que este lamento tenha vindo de um dos soldados babilônios também atingidos

em batalha, pois não podemos esquecer que a desolação de uma cidade vitimiza também os violentos e não apenas os violentados.

Alguns pesquisadores, entretanto, especulam que o fato de Lm 3 colocar explicitamente um homem como o pranteador deve nos fazer perguntar se não seria, de fato, uma mulher alçando a voz, usando um “eu” masculino. De todo modo se trata de alguém concreto “quem melhor e mais profundamente expressa a dor e a súplica, o reconhecimento de seus pecados e sua esperança na misericórdia divina, seu próprio ser e sua pertença a um povo” (RIVA, p. 92).

Este provável homem que apregoa os versos de Lm 3 acaba sendo traído na coesão do poema, na altura dos v. 31-32, quando se refere à maternidade de Deus com a expressão misericórdia análoga à noção de entranhas, ventre ou útero, ressaltando a maternidade de Deus, o que não seria uma associação natural masculina, já que homens não passam pela experiência de corporeidade de possuir um útero que também é ventre materno. Um homem não tem como fazer esta analogia por não experimentar na carne a experiência da maternidade (RIVA, p. 93).

De tudo isto podemos concluir que, mesmo Lm 3 sendo apregoadada por um homem, há, no mínimo, mãos de mulheres apresentando a misericórdia de Deus que deve motivar a esperança dos desolados.

As *delimitações* das narrativas presentes em Lm 3 pelo tipo de teor teológico de seus versos nos mostram enfoques específicos que vão se desenrolando por blocos de versos, a saber:

- 1-18 (alef, bet, gimel, dalet, hey e wav) Deus nos feriu com a vara do seu furor.
- 19-24 (zain e het) Devemos preservar a esperança porque Deus é misericordioso.
- 25-39 (tet, yod, káf, lamed mem) Deus faz o bem – suportemos com paciência.
- 40-42 (nun) Confessemos o pecado.
- 43-51 (samek, ayin, pey) Deus é bondoso.
- 52-54 (sadik) O mal também é feito por outros.
- 55-57 (quf) Deus ouve.
- 58-60 (resh) Deus defende.
- 58-60 (shin) Deus ouve.
- 64-66 (tav) Deus vinga.

Nossa ênfase está presente nos v. 19-24, e na Bíblia Vozes se traduziu estes versos da seguinte forma:

Lembra-me de minha aflição e de meu extravio, que são absinto e veneno!
 Lembrando-me sempre disso, fico abatido no meu íntimo.
 Mas há algo que revolvo em meu coração e é a razão da minha esperança:
 devido à misericórdia do Senhor, não fomos consumidos, porque sua compaixão
 jamais se esgota; antes, renova-se cada manhã: grande é a tua fidelidade!
 O Senhor é a minha herança – digo para mim – por isso nele espero.

3. A torção no entendimento de quem narra

Estes versos manifestam um sentimento diferente do início do poema e parecem provocar certa torção no entendimento de seu narrador. Até o v. 18 a pessoa que lamenta somente apregoa o lado ruim da vida, só ressentimentos dirigidos à forma como Deus lhe permitiu ser atingido/a: ele me feriu com aflição, com sua ira (v. 1), me fez caminhar em trevas (v. 2), voltou sua mão contra mim continuamente (v. 3), consumiu minha carne e pele e quebrou-me os ossos (v. 4), levantou à minha volta um cerco de veneno e de mágoa (v. 5), me fez habitar em trevas como se estivesse morto (v. 6), cercou-me de um muro, minhas correntes pesaram (v. 7), gritei por socorro, mas ele se fez surdo (v. 8), atravancou meu caminho (v. 9), age comigo como quem me espera para emboscar (v. 10), desviou meu caminho para me dilacerar (v. 11), transformou-me em alvo de suas flechadas (v. 12), flechou os meus rins (v. 13), virei objeto de escárnio e zombaria (v. 14), encheu-me de amargura (v. 15), me derribou no pó e comi areia (v. 16). Eu disse: acabou-se a glória e a esperança que eu tinha no Senhor (v. 18). É a partir do v. 18 que acontece a torção teológica no texto. Parece que a partir daqui o/a narrador/a decide mudar sua forma de pensar.

Esta pessoa que lamenta e se sente duramente afligida pelas ações de Deus. Ainda que estivesse apenas descrevendo as ações do exército opressor, fica muito claro que as circunstâncias o/a estão afligindo como um mal causado pelo próprio Deus, que neste caso é Yavé (v. 18). É uma teologia javista que se faz presente em Lm 3. Ele/ela suspira, como quem vai expirar de vez, e diz: “acabou-se para mim a glória e a esperança que eu tinha no Senhor”.

A partir do verso seguinte o/a narrador/a muda o discurso sobre Deus. De onde esta pessoa encontra esta força para levantar-se do fundo do poço da desesperança? De um clamor que ela mesma faz. Ao invés de esticar as lamúrias ela muda de atitude e clama: “Lembra-te da minha aflição e de meu extravio, que são absinto e veneno” (v. 19). Seu clamor e seu pranto parecem ter destampado uma represa de emoções, pois dali para frente a pessoa não atribui mais nenhuma desgraça ocorrida consigo ao Deus Yavé mas assume uma responsabilidade sobre seu extravio, como quem bebeu do próprio veneno que preparou. Para de terceirizar a responsabilidade e assume sua parte.

A essência desta torção teológica está nos v. 20-25, onde se diz: “quando me lembro disso meu íntimo se abate, mas há algo que revolvo meu coração, e isto é a razão da minha esperança”. Este verbo (*shuv*) traduzido como revolver é um verbo muito extenso de significados, mas diretamente do hebraico para o português nenhum sentido nos conduz ao revolver. Revolver tem a ver com remexer, remoer, com agitar, meditar sobre algo. Mas a declinação do verbo conduz para uma ação provocada pelo narrador. Está bem além de simplesmente revolver ou remoer.

Sua construção no *hifil*, imperfeito na primeira pessoa do singular, estabelece que provocará (ação causativa) neste futuro imediato um efeito no seu coração. Especificamente no *hifil* o verbo *shuv* significa: trazer de volta, conduzir de volta, levar de volta; deixar/fazer retornar; fazer recuar, afugentar; fazer voltar, aplacar, amainar, fazer voltar atrás, retirar, impedir, cancelar, sustar, anular, revogar, desviar, desfazer; dar de volta, devolver, restituir; restaurar, restabelecer; fazer voltar como pagamento, pagar (tributo); retribuir, recompensar, vingar-se, fazer cair (sobre); fazer voltar a palavra, responder, informar (KIRST et al., p. 246). Schökel acrescenta que este verbo aparece no *hifil* como forma transitiva da construção *gal* “Reaparecem três significados fundamentais: movimento de retorno, reiteiração, mudança de conduta. Debilita-se o sema de retorno e fica somente o de movimento” (SCHÖKEL, 1997, p. 661).

Quem narra está dizendo, em outras palavras é: farei um recuo deste pensamento autodestrutivo, provocarei um impedimento para seguir com este tipo de entendimento, farei uma restauração na minha maneira de pensar, farei um desvio deste modelo mental. Ou seja, quem narra tem a consciência de que a decisão de mudar sua forma de pensar está em si mesmo/a. A decisão de pensar diferente tem que ser da própria pessoa que pensa de maneira autodestrutiva, quando reconhece que se continuar se lamentando como vinha nos primeiros 18 versículos nada restará de sua esperança em Deus, sua fé vai extinguir-se completamente. Esta pessoa decide mudar sua forma de falar dos eventos. Muda completamente o tom da conversa.

1. Não fomos completamente destruídos porque o Eterno é misericordioso. Inicialmente, com pouco vigor, esta pessoa percebe e declara: poderia ter sido muito pior do que foi, e só não o foi porque o Eterno tem essa compaixão e misericórdia maternas e eternas que são inesgotáveis (v. 22).

2. Não foi pior porque a cada manhã o Eterno renova sua fidelidade. Se ele é fiel, só existe um lugar onde posso depositar minha esperança: no Eterno, porque ele é tudo que tenho, é a minha herança (v. 24).

Reconhecer que a compaixão de Deus e sua misericórdia não se acabam, que ele é fiel, e que é tudo que se tem foi a atitude de reconhecimento e mudança do discurso, uma chave da guinada do entendimento autodestrutivo para uma atitude esperançosa, que escolhe esperar ao invés de esperar.

Os versos seguintes provam o quanto esta pessoa está engajada em mudar de entendimento, de atitude, porque as mudanças de atitude sempre começam na mentalidade que decidimos adotar. É sempre uma escolha que se faz pelo que se prefere empregar energia com lembranças e sobre aquilo que se escolhe colocar no esquecimento.

Diferentemente do que fizera nos v. 1-18, esta pessoa começa a descrever o Eterno e a proferir sobre ele apenas os atributos positivos: O Eterno é bom (v. 25), ele salva quando nos aquietamos (v. 26), calar a boca ao invés de murmurar é uma boa opção (v. 27-28), humilhar-se sem ser arrogante ajuda a renovar a esperança (v. 29), tudo isso vai passar porque o Eterno não fica avesso a nós eternamente (v. 31), mesmo que tenha causado aflição, ele se compadece com grande misericórdia (v. 32), ele não nos oprime com prazer algum (v. 33), ele fica atento ao sofrimento dos cativos (v. 34), dos privados do direito (v. 35), dos que são prejudicados em processos (v. 36). Tudo está sob o controle dele (v. 37), desgraça e felicidade procedem da boca dele (v. 38). Que direito tem um pecador de ficar se queixando (v. 39)?

No bloco seguinte esta pessoa convida aos que a ouvem a revisarem suas condutas, a mudarem de atitude e voltarem a caminhar na direção do Senhor (v. 40-42) porque o Eterno é bondoso (v. 43-51). É então que esta pessoa começa a mostrar que os problemas têm origem nos pecados do ser humano, por isso as pessoas padecem, inclusive pelas mãos de outras pessoas (v. 52-54), mas o Eterno é aquele que ouve (v. 55-57) e que defende (v. 58-60), que ouve (v. 61-63) e que nos vinga (v. 64-66).

4. Vida de mulheres sob cercos militares e as metáforas da violência de Deus

A história tem mostrado que em momentos de cerco militar, de guerras, invasões e dominações de uma nação sobre a outra, as mulheres e crianças são as que mais sofrem. Nos períodos da Antiguidade e nos últimos cinco séculos AEC a situação das mulheres no território de Judá deve ter sido pavorosa. Primeiramente porque os exércitos invasores cercavam uma cidade, mas os lugares para o pasto das ovelhas e cabras (atividade de pastoreio comumente desenvolvida por mulheres e juvenzinhos/as) ficavam fora dos muros. Ser pastora nesta região consistia de levar os animais para pastar em lugares onde estavam acampados os soldados estrangeiros que executavam o cerco. Estas moças eram constantemente abusadas sexualmente neste processo. Na invasão de uma cidade as mulheres eram novamente estupradas.

Relatos análogos a esses períodos de invasão militar, datados do período da Segunda Guerra Mundial, mostram que as mulheres alemãs mas principalmente as polonesas, foram estupradas em pelo menos três diferentes levas, havendo mulheres que chegaram ser estupradas mais de cinco vezes, em diferentes ondas de invasão: pelos soldados russos, depois pelos alemães e depois novamente pe-

los russos. Cada vez que as tropas avançavam em território disputado por povos estrangeiros estas mulheres eram violentadas (ASH, 2017).

Se imaginarmos a sucessão de violências sofridas pelas mulheres durante as ocupações da Babilônia, Grécia e Roma, conseguimos imaginar o cenário de 400 anos de muita mistura étnica, de filhos nascendo de pais estupradores e de mulheres com filhos de pais que eram seus próprios opressores e dominadores.

O rabino Nilton Bonder nos informa que no Antigo Israel esses episódios eram tão frequentes que na época da invasão romana na Palestina os judeus tiveram que mudar sua lei, que até ali definia o judeu como sendo o filho de pai judeu, ou seja, a linhagem era patrilinear como se vê nas genealogias bíblicas. A partir da invasão romana desistiu-se de tentar rastrear esta patrilinearidade dado o grande o número de mulheres judias carregando filhos bastardos no ventre. Assim, na virada para a Era Comum o judeu passou a ser o filho de mãe judia e não mais o que tinha pai judeu. Isso porque era impossível negar quem seria a mãe de um bebê, mas a paternidade de um bebê era quase impossível rastrear, principalmente se a mulher violada já era casada (BONDER, 1998, p. 88-89).

5. O autoconfronto que promove reforma no entendimento

As muitas linguagens femininas no texto, associando Sião, Jerusalém e Judá com o sofrimento das mulheres, é visível e fazem da mulher uma metáfora para a condição em que se encontra a cidade devastada. No entanto Lm 3 não possui as mesmas metáforas que no restante do livro. “...uma metáfora consiste em dois elementos: um que fornece a imagem e outro que a recebe” (BAUMANN, 2006, p. 22).

Lm 3 aparenta ser um lamento do *gever* para si mesmo. Deus é acusado diretamente pelo/a narrador/a. Ainda que todo o restante do livro faça muitas associações às figuras femininas, aqui este varão decide falar de si e para si mesmo. É um autoconfronto nítido que ele estabelece, de reflexão sobre que tipo de Deus é este que os afligiu. “O que sabemos sobre Deus no Antigo Testamento é (...) uma interpretação humana, uma construção mental. Isso inclui os textos bíblicos e também, com isso, as imagens violentas de Deus” (BAUMANN, 2006, p. 23).

Esta pessoa que narra escolhe se lembrar que está sendo afligida porque escolheu se extraviar, e que tal extravio é “absinto e veneno”. Ela escolhe se lembrar, decide trazer à tona, algo que sempre se soube, uma verdade que sempre esteve lá: que a bondade do Senhor é o motivo pelo qual a vida não foi totalmente destruída.

A palavra *rahamim*, traduzida como vísceras, entranhas; sentimento materno; compaixão, misericórdia (KIRST, p. 226), seria a mais adequada para se traduzir como misericórdia, no entanto o texto hebraico nos traz *hesed*. A expressão *hesed* tem vários significados. Pode ser traduzida como solidariedade, lealdade, amizade, comprometimento, fidelidade, bondade, favor, benevolência, piedade

(KIRST, p. 73). Stoebe menciona que é pobremente interpretada como bondade, mas que geralmente a palavra vem acompanhada da expressão que se traduz como fidelidade. *Hesed* se distingue de *rahamim* porque *hesed* é uma atitude bilateral que implica compromisso de ambas as partes aliançadas, “uma forma de comportamento que surge de um relacionamento definido por direitos e obrigações (marido-esposa, pais-filhos,) (...) quando *hesed* é atribuída a Deus, se refere à realização de promessas inerentes a uma aliança”¹ (JENNI-WESTERMANN, p. 450-451).

A pessoa que narra não está vendo misericórdia em toda a desgraça que aconteceu, não se trata de uma percepção masoquista que impõe sobre si uma associação do sofrimento da punição e do castigo de Deus como ato de misericórdia. Não é disso que se trata.

Trata-se de quem narra perceber, com muita clareza, que a forma como nem tudo foi destruído é prova da solidariedade, da lealdade, da amizade, do comprometimento, da fidelidade, da bondade, do favor e da benevolência do Senhor com o povo que ele chama de seu. Por isso escolhe ser lembrado/a de que seu extravio é o absinto que tomou. Quem escolheu extraviar foi Judá, Jerusalém, Sião. Não foi Deus quem tomou esta decisão. Os profetas anunciaram a destruição, mas Judá não quis ouvir. Deus foi bondoso quando não acabou com tudo.

Aqui está o ponto de inflexão. Não é celebrar a destruição e o infortúnio. É chorar por ele, é lamentar, é prantear a desgraça com todas as lágrimas que forem possíveis derramar. Mas é também lembrar que não se pode acampar no pranto. O pranto é lugar de passagem e não de assentamento.

É escolher reconhecer que acima de tudo Deus é bom em todo o tempo e que, ainda que tudo ao nosso redor nos encha de desesperança, ele é benevolente. É solidário com nosso sofrimento e comprometido com uma aliança que fez conosco e sobre a qual jurou fidelidade.

Quando este/esta salmista de Lamentações consegue perceber tudo isso, ele/ela muda sua postura de lamento. Passa a preencher seus versos não mais com atributos da violência divina, mas dedicando proporção semelhante à descrição da bondade de Deus.

6. Confessar pecados: atitude imprescindível

O passo seguinte é o da confissão do pecado. A pessoa interrompe o discurso positivo sobre a fidelidade de Deus e, numa atitude de profunda honestidade,

1. Minha tradução de: “According to Glueck, *hesed* does not refer to a spontaneous, ultimately unmotivated kindness, but to a mode of behavior that arises from a relationship defined by rights and obligations (husband-wife, parent-child, prince-subjects). When *hesed* is attributed to God, it concerns the realization of the promises inherent in the covenant. When *hesed* does assume connotations of kindness, it is the result of a secondary assimilation to *rahamim*...”

reconhece sua parcela de responsabilidade no processo. Para de culpar Deus e vê em si própria alguém que integra o processo que trouxe toda aquela desgraça. Depois passa a reconhecer a fidelidade de Deus.

Parece uma atitude lunática reconhecer a bondade de Deus enquanto se está rodeado de escombros e de destruição. Naomi Seidman faz a seguinte analogia entre o levantar-se de escombros nos dias de Lm 3 e levantar-se de escombros como sobreviventes do Holocausto:

Imagino o poeta das Lamentações percorrendo as ruas vazias na primeira manhã depois do cerco, só percebendo as próprias feridas semanas depois, limpando a fuligem dos olhos para testemunhar o rastejar dos sobreviventes que saem dos buracos e rastejam para fora das pilhas de entulho. Meu pai conta que saiu do esconderijo na manhã em que os nazistas foram embora, vivo o suficiente para pensar em recitar a bênção para aquele “que nos concedeu a vida, sustentou-nos e nos trouxe até este dia”. Meu pai, em meio a um vazio que só posso imaginar, não recitou a bênção, ele diz, porque ela estava no plural. Penso nele agora, lamentando suas próprias perdas do outro lado da cortina. Será que ele já começou a usar o plural, como faz o poeta das Lamentações...

E continua:

A devastação nauseante, a sujeira e o lixo, o mau comportamento das pessoas e a loucura da fome (...) pertencem a mim, mas ao mesmo tempo não, como cidade-mulher era e não era o profeta (...) se também sou uma sobrevivente alquebrada e solitária de uma cidade desgraçada, se posso sentir a vergonha de sua nudez, imaginar uma reveladora mancha de sangue em minha saia, existe a possibilidade igualmente terrível de que minha parte na história também seja o amante revoltado que bate à porta, a testemunha que despreza. Pior ainda, sou a criança estúpida que faz pirraça, pedindo seu jantar enquanto a cidade queima... (SEIDMAN, p. 199, 295).

Só depois de reconhecer a si mesma como alguém que também merece o castigo, a pessoa que declama Lm 3 volta a falar da bondade de Deus e ressalta a forma como o povo foi acudido, ajudado, ouvido e vingado. E fala no reconhecer que o mal está em si mesmo e em quem zomba da desgraça dos outros, mas o mal não está em Deus. Ele não é a fonte da maldade.

Aqui está o ponto de inflexão, de curvatura teológica neste ponto da poesia. Uma guinada na maturidade teológica de Israel se faz representar nestes versos, pois no Primeiro Testamento tanto o bem quanto o mal vem de Deus. Não há um “satã” empoderado para realizar o mal. Nem os demônios que nos dias de Jesus entravam nos corpos das pessoas para lhes causar sofrimentos, alvos do exorcismo continuado feito por Jesus, eram mencionados na literatura desse período. Este “responsável pela maldade” parece ser um conceito

que adentra a teologia de Israel a partir de literaturas como do livro de Jó, mas principalmente da literatura apocalíptica e dos apócrifos, que sabemos serem materiais literários mais tardios.

A pessoa de Lm 3 reconhece que atribuir o mal como originado em Deus é o produto de uma mentalidade peçonhenta, venenosa, produtora de uma vida de amargura e de fel. Essa pessoa quer ser transformada no seu entendimento e intuitivamente estabelece um percurso: o de escolher o que deve ser lembrado e escolher o que deve ser esquecido. O segundo passo é escolher quais palavras deve usar. Então decide falar só o bem sobre Deus. Reconhece que o mal vem do ser humano, de si mesmo, de seus pecados, dos pecados dos outros seres humanos ao seu redor. Mas Deus é bom, é fiel, benevolente e comprometido conosco. E este Deus que se comporta desta maneira é a herança que ela tem na hora do desespero.

7. Concluindo: a memória e o entendimento da pessoa grata

Tenho passado as últimas semanas lendo os filósofos dos séculos XVII e XVIII e deveria nos impressionar ou pelo menos nos ensinar que, em tempos de tanta mudança, como foram aqueles séculos, os pensadores estivessem tão empenhados em produzir reflexões sobre como podemos mudar nossa maneira de pensar.

Foi o que fizeram Descartes em seu *Discurso sobre o método* (1637), Espinoza em seu *Tratado da reforma do entendimento* (1661), John Locke em seu *Ensaio sobre o entendimento humano* (1690), David Hume em *Investigação sobre o entendimento humano* (1748) e Immanuel Kant em *Crítica da razão pura* (1781). O niilismo e o positivismo que andaram acompanhados nos séculos seguintes não trouxeram a humanidade para um patamar de esperança, nem de esperar. Ao contrário, historicamente parece ter nos nutrido da pior e mais azeda face de nós mesmos e nos fizeram desembocar nas tragédias das duas Grandes Guerras. E, se ainda tínhamos, como humanidade, alguma dúvida da capacidade de o ser humano produzir tanto o que é bom quanto o que é mau, estas guerras nos mostraram a face mais horrorosa do mal que conseguimos produzir, e dali não paramos mais.

Memória é elemento muito importante nesta torção teológica, e precisamos impor sobre a memória uma direção construtiva, impor à nossa forma de pensar mecanismos que nos encaminhem na direção esperar. Tanto na memória coletiva quanto na memória individual. Esta memória deverá ser evocada para nos relacionarmos, para curarmos as feridas, lutarmos pela justiça e para criar uma história em comum, que seja digna de ser lembrada ou que mereça ser esquecida. “Da mesma forma como uma pessoa que esquece tudo já não pode se conectar (ao menos em nível consciente) com seus entes queridos, uma pessoa que recorda tudo não poderá se relacionar” (BACHMANN, 2010, p. 108). Atitudes de generosidade acompanham o entendimento do ser que é grato.

A assimetria entre o Deus violento que se alia ao inimigo para devastar Jerusalém e o Deus que é bondoso e fiel parece ter sido superada nesta oração em Lm 3. Esta assimetria precisa ser superada por todos nós, na atualidade, cada vez que o povo de Deus tiver intenção de se colocar de pé.

Esta conversão da violência para a paz, do desastre para a restauração, será apenas uma esperança em Lamentações. Contudo, a última palavra não é o pranto, mas é a reconciliação de YHWH com seu povo e de Israel com seu Deus (BACHMANN, 2010, p. 112).

Reconciliação com o Eterno exige de nós profunda honestidade. Fingir que não está em sofrimento não é um caminho para quem precisa ser curado das emoções e traumas causados pelos momentos de sofrimento. Admitirmos e reconhecermos nossa parcela de participação no processo que nos causou o sofrimento é a forma mais honesta de lidarmos com o problema.

Assim como o lamento é oração, a ação de graças também é, mas acima de tudo a oração é relacionamento com a divindade. Estamos tão cheios de autopiedade com as circunstâncias à nossa volta, ou porque nosso candidato não ganhou ou porque o fascismo ressurgiu no mundo como um algoz do qual parece que a humanidade não quer se livrar que esquecemos que em nossa espiritualidade cultivamos um relacionamento com o Deus de toda graça. Este relacionamento não deve ser algo de conveniência. O Eterno se compraz naqueles que o convidam para celebrar as alegrias. O Verbo encarnado no Cristo não dispensava as oportunidades de regozijo e de celebração, mesmo numa Palestina pipocando de conflitos políticos e dominação estrangeira.

A fidelidade do Eterno é a razão pela qual ainda não fomos de todo destruídos. Trazer à memória aquilo que nos dá esperança. Eis o desafio que temos pela frente!

Lília Dias Marianno

Rua das Rosas 448, ap. 205 – V. Valqueire
21330-680 Rio de Janeiro, RJ
Lilia.marianno@gmail.com

Referências

A BÍBLIA – Tradução Ecumênica. São Paulo: Loyola/Paulinas, 1996.

A BÍBLIA DA MULHER. João Ferreira de Almeida. Edição revista e atualizada. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 1993.

A BÍBLIA DE JERUSALÉM. São Paulo: Paulinas, 1973.

BIBLIA HEBRAICA STUTTGARTENSIA. Stuttgart: Deutsche Bibelstiftung, 1977.

BÍBLIA SAGRADA. 45. ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

BÍBLIA SAGRADA Nova Versão Internacional. São Paulo: Vida, 2000.

BÍBLIA SAGRADA. João Ferreira de Almeida. Edição corrigida e revista – Fiel ao texto original. Belo Horizonte: Atos, 2006.

ASH, Lucy. 70 anos após o fim da guerra, estupro de alemães ainda é episódio pouco conhecido. In: *BBC Brasil*. Publicado em: 08/05/2015. Disponível em: <http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2015/05/150508_estupro_berlim_segunda_guerra_fn> Acessado em 15/07/2017.

BACHMANN, Mercedes L. García. As múltiplas vozes de Lamentações: fazer profecia a partir da dor. In: *Revista de Interpretação Bíblica Latino-Americana*. Meguilot: enfoque feminista. N. 67, 2010/3, p. 99-114.

BAUMANN, Gerlinde. *Entender as imagens divinas na violência no Antigo Testamento*. São Paulo: Loyola, 2006.

BONDER, Nilton. *A alma imoral*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

BRENNER, Athalya. A propaganda profética e a política do “amor”: o caso de Jeremias. In: BRENNER, Athalya (organizadora). *Profetas a partir de uma leitura de gênero*. São Paulo: Paulinas, 2003, p. 347-373.

_____. Mulheres poetisas e escritoras. In: BRENNER, Athalya (organizadora). *Cântico dos Cânticos a partir de uma leitura de gênero*. São Paulo: Paulinas, 2000, p. 97-112.

BRENNER, Athalya (organizadora). *De Êxodo a Deuteronômio a partir de uma leitura de gênero*. São Paulo: Paulinas, 2000, p. 152-165.

CALOVI, Marcos. Lamentações – uma introdução. *Revista de Interpretação Bíblica Latino-Americana*. Petrópolis, n. 52, 2005/3, p. 140-147. Escritos.

FRICK, Frank S. As viúvas na Bíblia Hebraica: uma abordagem transacional. In: BRENNER, Athalya (organizadora). *De Êxodo a Deuteronômio a partir de uma leitura de gênero*. São Paulo: Paulinas, 2000, p. 152-165.

GOTTWALD, Norman K. *Introdução socioliterária à Bíblia Hebraica*. São Paulo: Paulus, 1988.

KIRST, Nelson; KILPP, Nelson; SCHWANTES, Milton; RAYMANN, Acir & ZIMMER, Rudi. *Dicionário Hebraico-Português e Aramaico-Português*. 3. ed. São Leopoldo: Sino-dal; Petrópolis: Vozes, 2015.

JENNI, Ernst & WESTERMANN, Claus. *Theological Lexicon of the Old Testament*. Peabody, Massachusetts: Hendrickson, 2004.

LAFHEY, Alice L. *Introdução ao Antigo Testamento em perspectiva feminista*. São Paulo: Paulus, 1994.

PEREIRA, Nancy Cardoso. Esquecer pra continuar vivendo: a função da memória e da religião no livro das Lamentações. In: MONTEMAYOR, Rebeca etc. *Ecce mulier: homenagem a Irene Foulkes*. San Jose: UBL, 2005, p. 169-182.

RIVA, Pinky. *Meguilat Eihá*. O livro de Lamentações. In: *Revista de Interpretação Bíblica Latino-Americana*. Meguilot: enfoque feminista, n. 67, 2010/3, p. 81-98.

SCHÖKEL, Luis Alonso. *Dicionário Bíblico Hebraico-Português*. São Paulo: Paulus, 1997.

SEIDMAN, Naomi. Queimando o livro das Lamentações. In: BUCHMANN, Christina & SPIEGEL, Celina (organizadoras). *Fora do Jardim: Mulheres escrevem sobre a Bíblia*. Rio de Janeiro: Imago, 1995, p. 288-298.

SELLIN, Ernst & FOHRER, G. *Introdução ao Antigo Testamento*. Vol. 2. São Paulo: Paulinas, 1977.